**Bolsas** — Na sexta-feira: 0,84% São Paulo; 0,33% Nova York

**Pontuação B3** — Ibovespa nos últimos dias: 110.817 (10/1) → 110.916 (13/1)

**Dólar** — Na sexta-feira: R$ 5,106 (+ 0,12%)

| Últimos | |
|---|---|
| 9/janeiro | 5,257 |
| 10/janeiro | 5,202 |
| 11/janeiro | 5,181 |
| 12/janeiro | 5,100 |

**Salário mínimo** — R$ 1.302

**Euro** — Comercial, venda na sexta-feira: R$ 5,530

**CDI** — Ao ano: 13,65%

**CDB** — Prefixado 30 dias (ao ano): 13,66%

**Inflação** — IPCA do IBGE (em %)

| | |
|---|---|
| Agosto/2022 | -0,36 |
| Setembro/2022 | -0,29 |
| Outubro/2022 | 0,59 |
| Novembro/2022 | 0,41 |
| Dezembro/2022 | 0,62 |

## CONJUNTURA

# PIB perde fôlego, mostra indicador do BC

IBC-Br tem quarta queda mensal consecutiva e recua 0,55% em novembro. No acumulado do trimestre, recuo foi de 0,68%

» ROSANA HESSEL

O Banco Central (BC) divulgou, ontem, queda de 0,55% no Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) — conhecido como prévia do Produto Interno Bruto (PIB) — no mês de novembro, em relação ao anterior. O dado surpreendeu o mercado, pois a mediana das estimativas indicava recuo menor, de 0,3%. Foi a quarta queda mensal consecutiva do IBC-Br, na série com ajuste sazonal do BC. De outubro para novembro, o indicador caiu de 143,85 pontos para 143,06 pontos, o menor patamar desde maio (142,09 pontos).

No acumulado do trimestre encerrado em novembro, o IBC-Br recuou 0,68%, na série dessazonalizada. E, na série sem ajuste sazonal, registrou alta de 1,65%, em relação a novembro de 2021. O dado ficou abaixo da mediana das expectativas do mercado, de 2,25%. De janeiro a novembro, o indicador do BC registrou alta de 3,26%. Em 12 meses, a variação foi de 3,15%. A projeção atual do Banco Central para o PIB de 2022 é de expansão de 2,9%.

De acordo com analistas, os números do IBC-Br reforçaram a tendência de desaceleração, iniciada no terceiro trimestre de 2022, que deve levar à queda do PIB nos últimos três meses do ano. Eles lembraram que a piora nos indicadores mensais do comércio e dos serviços, em novembro, refletiu o freio na atividade puxado pelo aperto monetário que vem sendo conduzido pelo Banco Central desde março de 2021 e foi interrompido em agosto passado, quando a taxa básica da economia (Selic) estacionou em 13,75% ao ano. Com o custo de crédito nas alturas e o endividamento das famílias batendo recordes, o consumo diminuiu.

Como o impacto da alta da Selic ocorre com defasagem de seis a nove meses, os efeitos do aperto monetário começaram no início do segundo semestre de 2022,

> **Os dados do IBC-Br refletem os resultados ruins da indústria e do comércio, sem que os serviços salvassem a atividade, como vinha acontecendo até setembro"**
>
> ***Luís Otávio de Souza Leal,*** *economista-chefe do Banco Alfa*

e foram mais fortes do que os estímulos fiscais concedidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) no ano eleitoral. Por isso, a desaceleração seguiu seu curso

Não à toa, as previsões dos economistas ouvidos pelo **Correio** para o PIB de outubro a dezembro de 2022 indicam queda entre 0,1% e 0,4%. Como o freio de mão dos juros continuará puxado ao longo de 2023 — o Banco Central tem sinalizado que deverá manter as taxas elevadas por um período prolongado — a tendência é de desaceleração na economia brasileira, sem chances de contribuição do mercado externo, porque o cenário lá fora é de recessão.

### Cenário desfavorável

A mediana das projeções do mercado para o PIB passam de alta de 3,03%, em 2022, para avanço 0,78%, em 2023, conforme o boletim Focus do BC. O órgão tem sinalizado que, a depender das pressões inflacionárias e da política fiscal do novo governo, pode até retomar a alta dos juros neste ano. Logo, se o novo governo não entregar um bom arcabouço fiscal, o quadro pode piorar. Por conta disso, segundo analistas, um dos principais desafios do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) será fazer com que o país cresça, em um cenário externo desfavorável e com taxas de juros reais (descontada a inflação) acima de 8% ao ano, no topo do ranking global. Será difícil conseguir cumprir as promessas de campanha de combate à desigualdade sem domar o dragão da inflação evitando métodos artificiais, como as desonerações tributárias de Bolsonaro.

Vale lembrar que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou alta de 5,79% em 2022, rompendo o limite superior da meta de inflação pelo segundo ano consecutivo. E as previsões do mercado para 2023 estão em 5,36%, acima do teto da meta deste ano, de 4,75%.

Para Eduardo Vilarim, economista do Banco Original, o IPCA do ano deve registrar alta 5,8%, mas poderá ficar maior do que a de 2022, devido às medidas de estímulo e de aumento de gastos que podem ser anunciadas pelo novo governo. Por conta disso e da sinalização do BC, o banco elevou de 11,75% para 12,50% a previsão para Selic no fim deste ano, com redução dos juros somente a partir de agosto. "Outras casas no mercado já estão prevendo manutenção da Selic, ou mesmo alta", ressaltou. A projeção do Original para o PIB do quarto trimestre é de queda de 0,4%. Para 2023, de 0,5%, com viés de baixa.

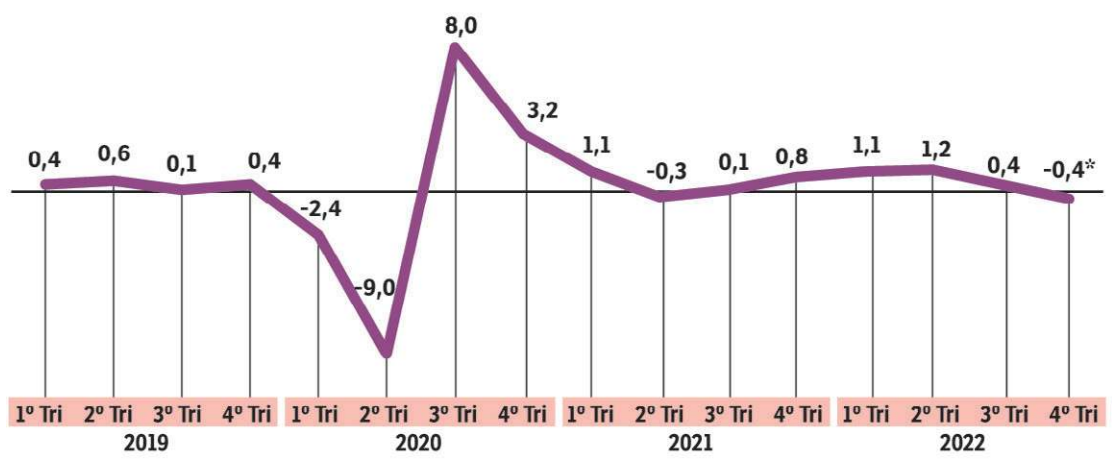
Luis Otavio de Souza Leal, economista-chefe do Banco Alfa, disse que o resultado do IBC-Br não surpreendeu, e reforçou a estimativa de recuo de 0,1% no PIB do quarto trimestre. "Os dados do IBC-Br refletem os resultados ruins da indústria e do comércio, sem que os serviços salvassem a atividade, como vinha acontecendo até setembro", disse. Ele prevê alta de 0,9% no PIB deste ano após avanço de 3% em 2022.

### Pé no freio

Dados do IBC-Br, conhecido como prévia do PIB, de novembro são piores do que o esperado, e confirmam a perda de fôlego da atividade econômica no segundo semestre de 2022 devido, principalmente, aos juros mais altos

**Evolução do IBC-Br**
Índice (dessazonalizado)

**Evolução do PIB**
Variação do trimestre em relação ao anterior (em %)




*previsão do Banco Original
Fontes: Banco Central, IBGE e Banco Original

## NEGÓCIOS

Americanas/Divulgação

**Cautelar impede vencimento antecipado de R$ 40 bilhões em dívidas**

# Americanas consegue proteção judicial

A Americanas pediu e conseguiu na Justiça proteção contra credores que queiram antecipar o pagamento de dívidas, após a revelação de que há "inconsistências contábeis" no montante de R$ 20 bilhões na contabilidade da empresa . O juiz Paulo Assed, da 4ª Vara Empresarial do Rio de Janeiro, concedeu uma tutela cautelar para suspender vencimentos antecipados e efeitos de inadimplência da companhia.

Após essa decisão, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ) deu 30 dias corridos para a Americanas entrar com pedido de recuperação judicial. O processo corre em segredo de justiça.

A Americanas pediu socorro à Justiça porque as inconsistências contábeis comunicadas pela empresa ao mercado, na noite da última quarta-feira, podem levar ao vencimento antecipado de R$ 40 bilhões em dívidas, segundo alegação da varejista ao TJRJ.

### Bancos

Os bancos credores da Americanas concordaram em rolar a dívida da companhia, para evitar que ela quebre e gere efeito cascata tanto no sistema financeiro quanto no varejo. Mas exigem que a empresa faça uma capitalização rapidamente, por meio da emissão de ações, em uma oferta de alguns bilhões de reais.

Os bancos foram consultados ao longo dos últimos dias sobre essa possibilidade. Um dos diretores de um banco credor disse que a instituição "deu um respiro" à Americanas. Outro banqueiro disse que a "sinalização positiva" está atrelada à "capitalização rápida de alguns bilhões". Segundo esse banqueiro, a 3G, gestora que reúne o trio de sócios da Americanas, vai ter que participar para a oferta de ações sair.

Por seu porte, a Americanas é cliente de praticamente todos os grandes bancos, segundo operadores do setor. Por isso, não seria interessante deixá-la à míngua. Entretanto, executivos consideram que as condições de financiamento ficarão mais duras adiante, com instituições cobrando mais para assumir um risco também maior. Isso se refletiu ontem no mercado secundário de títulos de dívida da companhia, com um salto nas taxas cobradas e um tombo no valor de face dos papéis.

No balanço de setembro do ano passado, a Americanas informou dívida bruta de R$ 19,3 bilhões, sendo que R$ 17,1 bilhões eram de longo prazo, ou seja, com vencimento acima de um ano. Desse total, R$ 15,6 bilhões estavam em empréstimos e financiamentos, segundo a companhia. O restante estava em debêntures. Já o ex-presidente da varejista, Sergio Rial, que renunciou apenas 10 dias após assumir o cargo, disse em um vídeo disponível no site da Americanas que a dívida bruta é de R$ 30 bilhões a R$ 35 bilhões.

O Bradesco BBI calcula que os bancos mais expostos a varejistas são o Santander Brasil e o BTG Pactual, com cerca de 7% da carteira total de crédito, seguidos por Itaú e ABC Brasil, com 3%, e Banrisul e Banco do Brasil, com 2% cada um.